

A ARTE DA TRADUÇÃO

Samuel Johnson

(Tradução de José Manuel Lopes)

Entre os estudos que vêm a exercitar as pessoas engenhosas e cultas há mais de três séculos, nenhum foi mais diligente e prosperamente cultivado do que a arte da tradução; através do qual os impedimentos que nos refreiam um acesso à ciência são, em certa medida, afastados, e a multiplicidade de línguas se torna menos incômoda.

De todas as formas de escrita, os antigos deixaram-nos modelos que todas as épocas sucessivas se esforçaram por imitar. Porém, a tradução pode, com toda a justiça, ser reivindicada pelos modernos como sua. Nas primeiras épocas do mundo, a instrução era geralmente oral e a aprendizagem tradicional, e o que não era escrito não podia ser traduzido. Quando a escrita alfabética tornou a comunicação de opiniões e a transmissão de acontecimentos mais fáceis e rigorosas, a literatura não florescia em mais do que um país de cada vez, ou as nações distantes mantinham pouco comércio umas com as outras. Os poucos que a curiosidade enviou para o estrangeiro, em busca de aperfeiçoamento, entregaram-nos, à sua maneira, as suas aquisições, desejosos talvez de serem considerados os inventores de aquilo que tinham aprendido com outros.

Os Gregos, durante algum tempo, viajaram pelo Egípto, mas não traduziram livros da língua egípcia, e, quando os Macedônios derrotaram o Império Persa, os países que ficaram sujeitos ao domínio grego estudaram apenas literatura grega. Os livros das nações conquistadas, se existiam, mergulharam no esquecimento. A Grécia considerava-se a patrona, se não a mãe das artes, a sua língua continha tudo o que deveria ser aprendido, e, à exceção das antigas escrituras do Velho Testamento, não tenho conhecimento de que a Biblioteca de Alexandria tenha adoptado algo de uma língua estrangeira.

Os Romanos professaram ser os académicos [alunos] dos Gregos, e não me parece que esperassem o que aconteceu desde então, que a ignorância das épocas sucessivas os tenha preferido em detrimento dos seus professores. Todo o homem que em Roma aspirava glorificar a literatura achou ser necessário aprender grego, e não tinha necessidade de versões quando podia estudar os originais. A tradução, no entanto, não foi de todo negligenciada. Os poemas dramáticos só poderiam ser entendidos pelo povo na sua própria língua, e os Romanos assistiram por vezes, com agrado, às tragédias de Eurípedes e às comédias de Menandro. Também foi tentada a versão de outras obras. Um velho anotador menciona uma *Iliada* latina, e nós não perdemos totalmente a versão de Túlio de um poema de Aratus. Não me parece, contudo, que qualquer homem se tenha tornado eminente ao interpretar outro, e talvez fosse mais frequente traduzir-se por exercício ou divertimento do que por busca de fama.

Os Árabes foram a primeira nação a sentir a paixão pela tradução. Após terem dominado as províncias de leste do Império Grego, descobriram que os cativos eram mais informados do que eles e apressaram-se a suprir as suas falhas através de uma transmissão de conhecimentos. Descobriram que muitos se poderiam iluminar com o trabalho de poucos,

e que os melhoramentos se fariam mais rapidamente, logo que transpusessem os conhecimentos das épocas precedentes para a sua própria língua. Assim, estes apressaram-se a deitar mãos aos livros de medicina e de filosofia, e transpuseram os seus autores principais para a língua árabe. Se tentaram traduzir os poetas não se sabe; o seu zelo literário foi intenso, mas de pouca dura, e esmoreceu, provavelmente, antes de eles terem tempo de juntar as artes da elegância às da necessidade.

O estudo da literatura antiga foi interrompido na Europa pela investida das nações do Norte que destruíram o Império Romano, e criaram novos reinos com novas línguas. Não será estranho que tal confusão possa ter interrompido a atenção literária. Os que perderam e os que ganharam domínio depararam-se com dificuldades imediatas e com infortúnios a ser corrigidos. Tinham pouco tempo livre, por entre a violência da guerra, a trepidação da fuga, os incómodos da migração forçada, ou os tumultos da conquista incerta, para inquirirem acerca de verdades especulativas, para se deliciarem com a prazer de aventuras imaginárias, para conhecerem a História das épocas anteriores, ou estudarem os acontecimentos de quaisquer outras vidas. Mas, logo que este caos pela dominação mergulhou na ordem, o conhecimento começou mais uma vez a florir na calma da paz. Quando a vida e as possessões se tornaram seguras, logo se procurou a conveniência e o prazer, a aprendizagem foi vista como a mais alta gratificação da mente e a tradução tornou-se um dos meios para a transmitir.

Por fim, devido a uma convergência de muitas causas, o mundo europeu despertou da sua letargia; as artes que, durante muito tempo, tinham apenas sido obscuramente estudadas na soturnidade dos mosteiros, tornaram-se as favoritas e mais generalizadas entre a humanidade. Cada nação disputava com o seu vizinho o prémio da aprendizagem, esta emulação epidémica espalhou-se do Sul ao Norte, e a curiosidade e a tradução chegaram até à Grã-Bretanha.

Todo aquele que tentar fazer uma análise retrospectiva do progresso da literatura inglesa descobrirá que a tradução foi cultivada entre nós desde longa data, mas que alguns princípios, quer totalmente errados ou demasiado permissivos, impediram que o nosso sucesso fosse sempre igual à nossa diligência.

Chaucer, que geralmente consideramos como o pai da nossa poesia, deixou-nos uma versão de Boécio acerca dos *Comforts of Philosophy* [*Confortos da Filosofia*], o livro que parece ter sido o favorito da Idade Média e que fora traduzido para saxónio pelo rei Alfredo e ilustrado com um copioso comentário atribuído a São Tomás de Aquino. Podemos supor que Chaucer aplicaria mais do que uma atenção comum a um autor de tão grande nomeada, contudo, ele não tentou nada de mais elevado do que uma versão estritamente literal, degradando em prosa as partes poéticas, para que os limites da versificação não obstruíssem o seu zelo de fidelidade.

Caxton ensinou-nos topografia cerca do ano de 1474. O primeiro livro impresso em inglês foi uma tradução. Caxton era simultaneamente

o tradutor e o editor da *Destruction of Troy* [*Destruição de Tróia*] [de Raoul Lefevre], um livro que, na infância da aprendizagem era considerado como o melhor relato das épocas fabulosas, e que, embora votado ao esquecimento por autores sem maior uso nem valor, continuou a ser lido no inglês de Caxton até ao começo do presente século.

Caxton continuou a proceder como começara e, à excepção dos poemas de Gower e de Chaucer, não imprimiu senão traduções do francês, nas quais o original é tão escrupulosamente seguido que acaba por revelar um fraco conhecimento da nossa própria língua: embora as palavras sejam inglesas, a frase é estrangeira.

Com o avanço da aprendizagem, novas palavras foram adoptadas pela nossa língua, mas penso que com pouco aperfeiçoamento da arte da tradução, se bem que nações estrangeiras e outras línguas nos oferecessem modelos de um método mais apropriado; até que na época isabelina começássemos a achar que uma maior liberdade era necessária à elegância, e que esta era necessária à recepção em geral. Escreveram-se alguns ensaios sobre os poetas italianos que merecem o elogio e a gratidão da posteridade. Mas a velha prática não foi subitamente abandonada: a Holanda encheu o país de traduções literais, e, o que é ainda mais estranho, o mesmo sentido de exactidão foi obstinadamente praticado nas versões dos poetas. Este trabalho absurdo de conceber em rima foi encorajado por Jonson na sua versão de Horácio e, se bem que muitos homens tenham mais saber do que génio, ou que as tendências dessa época se inclinassem mais directamente para o conhecimento do que para o prazer, o rigor de Jonson encontrou mais imitadores do que a elegância de Fairfax, e May, Sandys e Holliday limitaram-se à tarefa de transpor verso por verso, não, de facto, com o mesmo sucesso, pois May e Sandys eram poetas, e Holliday apenas um académico e um crítico.

Felltham parece considerar, como lei estabelecida para a tradução poética, que os versos não fossem mais nem menos do que os do original e, por tanto tempo vigorou este preconceito, que Denham elogia a versão de Guarini de Fanshaw, como exemplo de um novo e nobre modo, como uma primeira tentativa de quebrar os limites do costumeiro e afirmar a liberdade natural da Musa.

Na emulação geral da graça e do génio que a festividade da Restauração produziu, os poetas libertaram-se dos seus constrangimentos, e consideraram a tradução como algo não mais confinado a uma exactidão servil. Mas a reforma é poucas vezes o trabalho de uma virtude pura ou de uma razão desajudada. A tradução melhorou mais por acidente do que por convicção. Os escritores da época presente tiveram, pelo menos, uma instrução igual aos seus génios, e, ao serem muitas vezes mais aptos para explicarem os sentimentos ou ilustrarem as alusões dos antigos, do que para exibirem as suas graças e transmitirem o seu espírito, talvez estivessem dispostos a ocultar a sua falta de poesia através de uma profusão de literatura, tendo, deste modo, traduzido literalmente, para que a sua fidelidade pudesse disfarçar a sua

áspera insipidez. Os talentosos [*wits*] do tempo do rei Carlos pouco mais tinham do que uma visão curta e superficial, e o seu cuidado era o de ocultar uma falta de conhecimento por detrás das cores de uma alegre imaginação. Deste modo, traduziram sempre com liberdade, por vezes com licenciosidade, e talvez esperassem que os seus leitores devessem aceitar a vivacidade em lugar de conhecimento, e considerar a ignorância e o erro como a impaciência e a negligência de uma mente demasiado lesta para poder parar diante de dificuldades, e demasiado elevada para descer a pormenores mínimos.

Assim se tornou a tradução mais fácil para o escritor e mais agradável para o leitor; e não admira que a facilidade e o prazer tivessem encontrado os seus defensores. As liberdades parafrásticas têm sido quase universalmente admitidas, e Sherbourne, cujo saber era eminente, e que não tinha qualquer desculpa para passar ligeiramente ao lado de certas obscuridades, é o único escritor que, nos tempos mais próximos, tentou justificar e reviver a antiga severidade.

Há, no entanto, uma medida justa a ser observada. Dryden viu, desde muito cedo, que a exactidão poderia melhor preservar o sentido do autor, e que a liberdade exibiria melhor o seu espírito. Assim, merece o mais alto elogio, aquele que conseguir transmitir uma representação a um tempo fiel e agradável, o que consegue comunicar os mesmos pensamentos com as mesmas graças, e que, quando traduz, não muda mais nada senão a língua.